

**USOS DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO
CAUSADO *OLHA SÓ* EM CONVERSA INFORMAL**

Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)
sandrapb@uerj.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em estudos anteriores (Bernardo, 2005a, 2006), analisei a expressão *olha só* empregada com sentido de *prestar atenção*, em conversa informal, como uma construção de movimento causado presumido (CMCP), devido ao papel que desempenha na construção conjunta do discurso conversacional, sinalizando novos tópicos/referentes na apresentação de argumentos contrários.

Além desse emprego, também encontrei *olha só* com sentido prototípico de *fixar os olhos* e casos limítrofes, em que o falante usa tal forma para sinalizar um objeto e, ao mesmo tempo, defender uma posição sobre o referido objeto. Apresento, aqui, reflexões acerca da possibilidade da diferença entre tais construções ser estabelecida a partir do primeiro corolário do princípio da não-sinonímia (Goldberg, 1995, p. 67), segundo o qual construções semelhantes semanticamente devem ser distintas pragmaticamente.

As ocorrências estudadas foram extraídas do *Banco de Dados Interacionais* (BDI), volume organizado por Roncarati (1996), que reúne transcrições de conversas casuais gravadas em 1989 e 1990.

Olha só: uma construção de movimento causado presumido

Em Bernardo (2006), analisei como um tipo de CMCP casos de *olha só* ilustrados em (1) e (2):

(1) M = 405 *Olha só...* porque a Maria Amália... você sabe eles têm medo... né? (BDI 5)

(2) M = 751 *Olha só...* é que vocês rodam- ((Pigarreando)) {segue trecho com superposição}

759 Hein Júlio.

760 Vocês rodam... prova demais. (BDI 5)

MORFOSSINTAXE

Em (1), a falante introduz um (sub)tópico questionando a intervenção de uma colega na organização da festa junina, uma pessoa que aparentemente se impõe em relação aos demais colegas. O *só* delimita/atenua a força da crítica, protegendo a face da falante. A passagem de (2) refere-se a um trecho em que os participantes da conversa estão reclamando dos gastos com cópias de provas e da relação preço-qualidade do serviço de algumas copiadoras próximas à escola. Nesse contexto, a falante introduz de forma modalizada uma crítica à postura dos colegas.

Nesse caso, o *olha só* assinala a abertura de um novo (sub)tópico na conversa que reforça a posição do falante, de forma modalizada. Logo, participa da estruturação do discurso em termos organizacionais, já que sinalizam etapas da construção do discurso, e conceituais, na medida em que sinalizam FOCOS e PONTOS DE VISTA do enquadre dessa construção. Em outras palavras, tais formas sinalizam etapas, posições e intenções inerentes à produção/compreensão do discurso conversacional.

A partir do pressuposto cognitivista de que o significado linguístico é corporificado, interpretei o sentido de fixar os olhos (sentido físico da visão) do verbo *olhar* como prototípico, diferenciando-se, assim, do *olhar* = *prestar atenção*, analisado como uma projeção metafórica da experiência física de fixar os olhos em algo.

Dessa forma, os sentidos mais abstratos de *olhar* (*dirigir a atenção, considerar, ponderar, examinar, estudar, atentar* etc.), que denotam percepção não apenas física, mas também mental, aproximam-se do sentido *ver*³⁷, que remete à impressão mental causada pelos objetos, ao entendimento, daí a atuação das metáforas COM-

³⁷ Borba (1996) classifica *ver* e *olhar* como verbos percepção que distam por este ser um verbo de ação e aquele, de processo. Luft (1987) considera *ver* mais genérico, ligado à impressão/sensação que os objetos causam nos olhos, ao passo que *olhar* relaciona-se a ação de dirigir os olhos para o objeto. “Pode-se olhar sem ver”, segundo o Luft (cf. verbete *olhar*). Essa diferença é marcada no papel de demonstrador que a construção *você vê* desempenha na conversa (Bernardo 2002, 2005b), prefaciando argumentos, em comparação ao papel de *olha só*, que sinaliza a introdução do argumento, chamando a atenção do interlocutor. Em outras palavras, o emprego de *você vê* está relacionado à demonstração/desenvolvimento do argumento, com vistas à comprovação da posição; já o de *olha só* liga-se à apresentação de uma posição.

PREENDER É VER e IDÉIAS SÃO OBJETOS na conceptualização da expressão *olha só* com sentido de *prestar atenção*.

À medida que o discurso conversacional é interpretado/construído conjuntamente pelos participantes, idéias-objetos são trazidas para um campo de visão: o recipiente onde se encontram os objetos (Lakoff & Johnson, 2002, p. 82). Logo, as posições apresentadas pelos falantes são objetos representados num campo visual: O DISCURSO É UMA FONTE LUZ (Lakoff & Johnson, 2002, p. 113).

Quando um falante_x emprega *olha só*, está sinalizando a um falante_y a necessidade de que este desloque sua atenção para o objeto que se encontra no campo visual recortado pelo falante_x, ou seja, X CAUSA Y MOVER SUA ATENÇÃO. A partícula *só* delimita metaforicamente o objeto que está no campo visual do falante_x, conduzindo a atenção do falante_y para o objeto em FOCO. Portanto, devido ao papel de sinalizador, *olha só* orienta o caminho a ser seguido, porque O DISCURSO É UMA FONTE DE LUZ.

A relação entre a construção de movimento causada básica e a CMCP ocorre por extensão de sentido, que reflete a intenção do falante de guiar a maneira como sua posição deve ser interpretada. O FOCO desse objetivo é capturado pelo contexto discursivo, por isso também está representado como um recorte pragmático, conceptualizado pelo delimitador (*hedge*) *só*, que permite uma interpretação modalizada do discurso e protege a face do falante.

A CMCP herda o papel de agente, satisfazendo os princípios (i) da correspondência – cada participante lexicalmente recortado e expresso deve ser interligado a um papel argumental recortado da construção, mesmo que um deles não seja preenchido sintaticamente, e (ii) da coerência semântica – somente papéis semanticamente compatíveis podem ser interligados. O princípio cognitivo da não-sinonímia também está satisfeito, já que semanticamente os sentidos são distintos.

Apesar de os papéis de *alvo e tema* não terem sido preenchidos sintaticamente, o deslocamento da atenção dos interlocutores (tema) para o campo de visão (alvo) do falante que sinaliza o início de um novo argumento estão estruturados na construção em termos semânticos e pragmáticos. Esses papéis argumentais podem deixar

MORFOSSINTAXE

de serem preenchidos, porque os participantes do enquadre semântico do verbo *olhar* são fornecidos pelo contexto discursivo da interação. Trata-se, portanto, de complementos nulos definidos (recuperados) pelo contexto.

Entre os sentidos apontados por Goldberg (1995, p. 161-163) para a interpretação da CMC, a função de *olha só* na conversa, no que tange à efetivação de movimento, pode estar condicionada à satisfação do ato denotado pelo predicado, devido à intenção, não à garantia, de o falante_x levar seus interlocutores a mover sua atenção para o tópico sinalizado. Como tais casos não acarretam necessariamente um movimento do argumento tema, a autora propõe a representação do significado da construção com letras minúsculas: *X causa Y se mover para Z*.

A abordagem construcional permite integrar à CMCP verbos que lexicalmente não envolvem movimento real, daí a possibilidade de emprego do verbo *olhar* com sentido de *prestar atenção* na construção *olha só*: um ato comunicativo na interação conversacional que visa à adesão dos participantes da cena comunicativa quanto às posições defendidas.

Essa construção mostrou-se refratária às restrições semânticas para CMC apontadas por Goldberg (1995, p. 165 ss), a saber:

- (i) o papel argumental ligado ao causador do movimento, embora menos volitivo, devido ao caráter intencional da construção, é de causador/agente, já que o participante causador da ação apresenta o traço [+ animado];
- (ii) dado o caráter assertivo codificado no verbo da construção, o falante não deixa a possibilidade de seus interlocutores prestarem atenção ou não ao seu argumento;
- (iii) como o falante manteve a posse de turno e expressou sua posição após o emprego da construção *olha só*, pode-se confirmar o caminho seguido metaforicamente;
- (iv) o requisito de cenário para interpretação da construção *olha só* é configurado pelos atos conjuntos dos participantes na organização da conversa cujos participantes compartilham uma base comum.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(v) como a CMCP não implica um movimento real, efetivo, o caminho não precisa ser especificado, daí a possibilidade de o contexto, não a estrutura sintática, fornecer o tema.

(vi) a tentativa de o falante buscar a atenção de seus interlocutores, a fim de conduzi-los à posição defendida, é a única força responsável por tal caminho.

Contudo, há casos de *olha só* usados quando o tópico discursivo remete a um objeto presente no cenário da interação (incluindo a materialidade dos participantes como pessoas reais), que me levaram a postular dois outros tipos dessa construção, ilustrados nas passagens (3) a (6), sobre os quais passo a expor.

(3) M = 013 Ô meu pé inchado

014 *olha só*. ... 015 Chega a fazer dobrinha ... 016 tá vendo? (BDI 2b)

(4) M = 638 Mas então como é que é?

639 Porque

J = 640 primeiro você coloca óleo [...]

645 Ai

646 *olha só* ... 647 dondoca. ... 648 Óleo ... 649 manteiga ... 650 dá aquela refogadinha. (BDI 2b)

(5) C = 1127 Por sinal ... 1128 aperta aqui a mão que você deve a mim né? ... ((Risos))

A = 1129 Ih é!

1130 *Olha só!* (BDI 4)

(6) M = 333 UAU! ... 334 Que lindo! ... 335 Que baRA:to!

J = 336 *Olha só* gente. ... 337 Tem que ser caro assim mesmo. (BDI 2b)

Em (3), a falante M muda o tópico da conversa, sinalizando seu pé inchado, já que, na passagem anterior, duas participantes do evento falavam sobre dieta. Embora, nesse caso, o sentido da construção também seja *prestar atenção*, o FOCO do enunciado incide sobre o pé inchado da falante, conceptualizado no papel argumental alvo da construção CMCP, portanto um objeto (real) para o qual a atenção do interlocutor (tema) deve ser movida.

MORFOSSINTAXE

Logo, considere esse emprego de *olha só* prototípico, em que o *só* ressalta o inchaço. A materialidade do *alvo* (*pé inchado*) confere uma interpretação mais factual ao enunciado, tornando a forma *só* um intensificador com função dêitica exofórica, não um modalizador como em (1) e (2). Assim, o caminho percorrido pelo *tema* seria menos metafórico, na medida em que a atenção da interlocutora estará voltada para um objeto real.

Em (4), depois que a falante M conta como quase estragou o arroz-doce servido durante a conversa, J passa a explicar como preparar esse doce a partir da unidade 640. Todavia, devido a um trecho de sobreposição, J reinicia a receita em 645, chamando a atenção de M. Nesse caso, o objeto a ser movido é referenciado como uma projeção metonímica, já que J busca a atenção da falante *dondoca* e não sua movimentação física, de fato.

Assim, esse tipo de *olha só* se diferencia do anterior (3), porque o FOCO incide sobre o *tema*, já que a falante pode ter-se distraído com a conversa paralela. Logo, em razão do caráter mais abstrato em relação a (3), venho considerando (4) um caso limítrofe, pois a falante não está sinalizando os ingredientes reais, mas os referenciando num de relato de procedimento de como preparar arroz-doce, ou seja, não se trata de uma sinalização de argumento contrário, como (1) e (2), nem de um movimento para uma entidade real (*pé inchado*). Apesar do sentido de *prestar atenção*, o contexto discursivo de um relato de procedimento não confere ao *olha só* um caráter modalizante como o de (1) e (2). A forma *só*, nesse caso, reforça o pedido de atenção da falante que pode ter-se distraído.

Na passagem de (5), os falantes estão conversando sobre um colega agregado no alojamento de uma das participantes, quando A afirma que possui um colchão sobrando. Em seguida, C lembra algum tipo de favor prestado ao falante A. Após isso, todos comentam sobre o lugar onde colchões são escondidos, bem como sobre empréstimos dos mesmos.

Embora o que tenha levado ao enunciado 1130 não fique explícito, devido ao conhecimento partilhado pelos participantes, atribuí ao *olha só* um caráter limítrofe, porque o falante pode estar enfatizando a atitude do colega, ou o ato de ambos apertarem as mãos. O *só* pode estar relacionado ao fato de o colega ter lembrado um favor

prestado e, ao mesmo tempo, a alguma atitude ligada ao aperto de mãos.

Em trecho anterior ao de (6), as falantes vinham discutindo sobre os produtos da Natura serem caros ou não, enquanto examinavam alguns produtos, até que M ressalta a beleza de um estojo de maquiagem, levando a falante J a retomar a questão do valor dos produtos dessa empresa. Logo, um caso de *olha só* com função limítrofe, pois, ao mesmo tempo que a falante pode estar mostrando o estojo, também está reforçando a tese de que os produtos não seriam tão caros, se considerada a qualidade dos mesmos. O *só* reforça a beleza do estojo, mas, ao mesmo tempo, introduz um argumento contrário à reclamação das interlocutoras quanto ao preço do produto.

Postulei para os casos de (5) e (6), também conceituados limítrofes, uma espécie de duplo FOCO: no objeto a ser movido e no objetivo, já que, devido ao contexto pragmático, o falante pode estar sinalizando, simultaneamente, tanto um objeto presente no cenário da interação quanto a busca de atenção ao seu discurso por parte do interlocutor. Esse FOCO ampliado fica mais evidente no excerto (6).

Foi possível perceber que a diferença entre os tipos de *olha só* pode ser estabelecida em termos pragmáticos a partir do delimitador *só*, que produz nuances de sentido para CMCP, ao guiar o FOCO discursivo. Em (3), focaliza um alvo integrante do cenário real (BASE) em que ocorre a conversa, daí seu emprego ter sido considerado prototípico. Os casos de (4) a (6), postulados como limítrofes, apresentam algumas diferenças quanto à orientação do FOCO conforme a atuação do delimitador *só*. Em (4), o *só* orienta o FOCO para o tema, já em (5) e (6), sobretudo neste último, guia o FOCO para relação entre discurso e o tópico discursivo.

Como nesses casos, em termos semânticos, o sentido de *prestar atenção* da construção se mantém, acredito que as nuances observadas no emprego da CMCP *olha só* podem ser explicadas em termos pragmáticos, já que o contexto discursivo de emprego dessa construção determina-lhe uma espécie de gradação de sentido. O tipo de discurso e o referente ligado tópico abordado na conversa influenciam a conceptualização da expressão, na qual o delimitador *só* desempenha um papel crucial.

MORFOSSINTAXE

Nos trechos de *olha só* prototípico, o delimitador apresenta uma função dêitica típica de discursos que abordam tópicos ligados ao cenário da conversa, como em (3). Já nos tipos limítrofes, o aspecto mais abstrato começa a se evidenciar, pois os referentes do cenário são conceptualizados numa dimensão discursiva mais conceitual em passagens argumentativas, como (6). Portanto, as gradações observadas nos empregos de tal construção precisam ser refinadas.

PALAVRAS FINAIS

No decorrer da pesquisa, pretendo aprofundar a explicação dessas diferenças conceituais, intuitivamente percebidas por falantes nativos no decorrer das interações, em termos representacionais na CMCP. Embora o corolário de que duas construções semanticamente semelhantes devem ser pragmaticamente distintas possa explicar os usos de *olha só* na conversa, é necessário também refletir mais sobre a adequação dessa ferramenta conceitual.

BIBLIOGRAFIA

BERNARDO, Sandra Pereira. *Foco e ponto de vista na conversa informal: uma abordagem sócio-cognitiva*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2002. 221 f. Tese de Doutorado em Linguística.

———. *Olha só, olha lá* na dêixis conversacional. In: *Cadernos do CNLF*, vol. IX, nº 11: Análise do Discurso. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005a, p. 174-180.

———. Pronome *você* na dêixis conversacional. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 13, nº 2. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2005b, p. 171-192.

———. Dêixis conversacional e metáfora. *Anais do II Congresso sobre metáfora na linguagem e no pensamento*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa* 1.0, 2001.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

———. *Foundations of cognitive grammar vol II: Descriptive application*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

MARMARIDOU, Sophia S.A.. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.